

A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA NO OLHAR FENOMENOLÓGICO DE ERIC DARDEL: REVISITANDO A OBRA “O HOMEM E A TERRA”

Anderson Ferreira Aquino¹
Magda Valéria da Silva²

INTRODUÇÃO

O presente texto aborda a história da Geografia apresentada pelo geógrafo francês Eric Dardel (1899-1967), construída a partir da ótica fenomenológica, cuja proposta inovadora vai além de uma abordagem cronológica-historicista presa à análise do processo de institucionalização da Ciência Geográfica.

Dardel (2015) expõe de forma brilhante o despertar da consciência geográfica e da própria Geografia enquanto realidade vivida e dimensão da existência que brota da relação do homem com a Terra, nas mais remotas épocas e sociedades.

¹ Bacharel e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Catalã. ferreiraaquino@hotmail.com.br.

✉ Rua Argentina, n. 399, Bairro das Américas, Catalão, GO. 75703-360.

² Professora Doutora da Unidade Acadêmica Unidade Acadêmica Instituto de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Catalão. magdaufgcatalao@yahoo.com.br.

✉ Av. Maria Marcelina, n. 1671, Bairro Ipanema, Catalão, GO. 75705-060.

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

Eric Dardel nasceu na comuna francesa de Montargis, em 21 de fevereiro de 1899, sendo o terceiro de quatro filhos de uma família de teólogos protestantes de origem suíço-germânica. Iniciou a carreira de professor de Geografia e História em 1925, lecionando nos liceus de Sens, Rouen e Jason de Sailly, em Paris. Junto com Gustave Monod, Dardel criou o projeto para a fundação de um liceu em Mortmorency, finalizado oficialmente como liceu Jean-Jacques Rousseau, em 1959, o qual teve como diretor o próprio Dardel, que permaneceu no cargo até sua aposentadoria em 1965, dois anos antes de seu falecimento, em janeiro de 1967. Dardel teve sete filhos do casamento com uma das filhas do etnólogo e missionário Maurice Leenhardt. Essa relação, um tanto profícua, com o sogro, nutriu em grande medida o entusiasmo do geógrafo por assuntos ligados à história das religiões, aos mitos, símbolos e temas da filosofia em geral, que acabaram por influenciar e enriquecer muito o pensamento de Dardel (PINCHEMEL, 2015; DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2015).

Propomos aqui, visitar e realizar uma releitura do livro de Dardel (2015), "O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica", edição brasileira traduzida do original "L'homme et la Terre: nature de la réalité géographique", publicado na França em 1952, em uma coleção de filosofia, a "Nouvelle Encyclopédie Philosophique". Como ressaltam Dal Gallo e Marandola Jr. (2015), tal obra de Dardel não é singular apenas pelas novas formas de se pensar o que é a Geografia e como se construiu sua história para além das instituições, mas principalmente por trazer em seu seio uma nova proposição de ciência, uma ciência existencial, cujas bases Dardel busca especialmente na filosofia de Heidegger.

O estilo poético da escrita e a valorização dos saberes tradicionais e das experiências vividas denotam a influência dos geógrafos alemães clássicos, como Humboldt e Ritter, na escrita dardeliana. Todavia, enquanto os primeiros caminham por um viés idealista do conhecimento, Dardel inova ao trazer tais questões para o campo do existencialismo, e é aí que o geógrafo francês vai se sustentar e ser influenciado por poetas, romancistas, antropólogos e filósofos, particularmente Martin Heidegger – cuja presença é marcante ao longo da obra de Dardel (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2015), Maurice Merleau-Ponty, Gaston Bachelard e Karl Jaspers (NOGUEIRA, 2005; SOUZA, 2013).

Sendo o objetivo discutir a história da Geografia proposta de forma singular por Eric Dardel, opta-se por manter os seus conceitos da forma como foram trabalhados pelo autor, como por exemplo, a relação sociedade-natureza, que em Dardel aparece como relação ou ligação do homem com a Terra. A relação entre o homem e a Terra, conforme abordada por Dardel (2015), é mais pessoal, e dela brota inquietude e sentimentos no espírito do homem enquanto sujeito. Também foi mantido o uso do conceito de mundo, que em Dardel tem o sentido heideggeriano de totalidade, um horizonte global onde se efetiva a existência. Para Heidegger a Terra é o fundo de onde emerge o mundo, fundo misterioso ao homem, mas que se projeta como morada, enquanto o mundo se realiza pela própria condição de ser-no-mundo do homem, em um horizonte aberto a compreensão do homem. Ambas concepções de Heidegger são

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

utilizadas por Dardel como embasamento para orientação do seu pensar, tanto na relação homem e Terra, como na Geografia enquanto fundamento ontológico da experiência geográfica e da própria existência, o que reforça como o pensamento heideggeriano perpassa a obra de Dardel (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2015).

Entender como, nas mais variadas condições e épocas, as sociedades vivenciavam o seu vilarejo, sua aldeia, o rio, a montanha, a planície e as formas estéticas da natureza em seu espaço vivido torna-se relevante, pois permite compreender em partes como essas sociedades viam e se relacionavam com o espaço a sua volta, como a partir da íntima relação com a natureza construíam a geograficidade enquanto experiência e, despertavam em si a consciência geográfica enquanto fundamento da própria existência. Tal esforço contribui diretamente no entendimento do cerne da ciência geográfica, entendida aqui como a relação sociedade-natureza, homem-Terra.

Resgatar e promover uma releitura da história da Geografia sob a perspectiva fenomenológica tem ainda por relevância contribuir nos estudos de história do pensamento geográfico, trazendo para estes a geografia existencialista de Dardel. Portanto, a escolha da obra do geógrafo Eric Dardel não é aleatória, e tal resgate também tem por finalidade difundir sua forma tão inovadora de pensar a Geografia ao longo da história da humanidade.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram realizados o levantamento bibliográfico sobre obra e vida de Dardel, a partir do qual procedeu-se as leituras, elaboração de fichamentos, estruturação do texto, correções e conferências.

Sobre o tema e os objetivos propostos, analisou-se o livro "O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica", de Eric Dardel, publicado em 2015, com tradução de Werther Holzer (DARDEL, 2015).

A obra de Dardel (2015) se refere a uma geografia do mundo vivido, do espaço enquanto lugar experimentado, abordando uma consciência geográfica produzida antes de qualquer sistematização científica da Geografia, que ocorre apenas no século XIX, com toda a preocupação acadêmica e epistemológica que marca esse período. Gomes (2010) cita que a obra de Dardel (2015) assumiu, em parte, o papel de buscar no passado da Geografia um suporte e um apadrinhamento, que servem tal como uma ponte para o humanismo na Geografia, interligando o passado clássico e pré-científico às novas tendências humanistas e existencialistas.

Serão abordados no presente artigo conceitos e temas trabalhados por Dardel (2015), como geograficidade, experiência, consciência geográfica, espaço mítico, relação homem e Terra, entre outros, que permitiram ao geógrafo francês, a partir de múltiplas influências de geógrafos, filósofos, poetas, romancistas e artistas, reconstruir uma nova

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

forma de olhar para o passado da Geografia, de ver suas origens históricas, míticas e culturais para muito além do processo de institucionalização acadêmica.

Para complementar o desenvolvimento deste trabalho, também serão utilizadas obras de outros autores que trabalharam o livro de Dardel, como os artigos de Werther Holzer (2015) e Jean-Marc Besse (2015), ambos publicados como anexos na edição brasileira da obra de Eric Dardel (2015), além dos artigos de Claude Raffestin (1987), Amélia Regina Nogueira (2005), Alice de Carvalho Lino (2008), Almir Nabozny (2012), Marquessuel Souza (2013), Priscila Dal Gallo e Eduardo Marandola Júnior (2015) e dos clássicos livros de Immanuel Kant (1995) e Yi-Fu Tuan (2013).

A partir da revisão bibliográfica e dos caminhos metodológicos e conceituais descritos, procedeu-se a produção do artigo que pretende aqui revisar a obra "O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica", do geógrafo francês Eric Dardel (2015), bem como apresentar, ainda que de forma concisa, a riqueza do pensamento dardeliano para as reflexões sobre a história da Geografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura e análise da obra do geógrafo francês Eric Dardel (2015), intitulada "O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica", traduzida por Werther Holzer e publicada no Brasil em 2015 pela editora Perspectiva, identificamos que o mesmo aponta que a palavra Geografia é originada no grego, e significa, a descrição da Terra. Tal expressão sugere que a Terra é um texto a ser lido, interpretado, decifrado, e a fisionomia do espaço, ou seja, a estética da natureza, tal como as montanhas, as cavernas, as dunas dos desertos, os vales e os meandros dos rios, formam os signos desse texto a ser desvendado (DARDEL, 2015).

A relação cotidiana do homem com a natureza, circunscrita na paisagem que o envolve em seu lugar habitual de vivência, o instigou desde os mais remotos tempos a compreendê-la, ou seja, decifrar os segredos dessa natureza visível, sensível e vivida. Ainda que pouco compreendessem – sob o ponto de vista da ciência moderna – da complexa dinâmica da superfície da Terra, os mais antigos povos já cultivavam um sentimento, vivido e transmitido enquanto concepção do mundo a sua volta.

Durante o processo de advento do capitalismo no Ocidente, após o fim da Idade Média e de suas demasiadas preocupações metafísicas, o homem, em toda sua sede de poder, volta-se para a Terra com um desejo impaciente de conhecê-la para posteriormente se apoderar, abarcá-la gananciosamente pelo cálculo, medição e análise, reduzindo seu significado a uma fonte de recursos, submetendo-a ao seu poder através da ciência, da tecnologia e da indústria (DARDEL, 2015). Isto significa que, com o advento do capitalismo, a Natureza passa a ser subjugada à condição de mercadoria.

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

É neste contexto que a Geografia vai ganhar status de cátedra em Berlim, pouco antes da unificação alemã em 1871, começando a ganhar força no sentido de sua estruturação enquanto disciplina durante o processo de reconstituição da geopolítica dos Estados-nacionais europeus. A ciência geográfica se estrutura na academia incessantemente preocupada em conhecer e analisar o mundo geograficamente, em suas dimensões espaciais, em sua multiplicidade de paisagens e em sua variedade de recursos naturais e humanos.

Os geógrafos alemães clássicos trataram inicialmente das questões estéticas, dos saberes tradicionais e das experiências vividas, progredindo com as discussões de cunho geográfico pelo caminho do idealismo alemão. Essas questões passam a ser ignoradas e deixadas de lado com o advento do positivismo na Geografia e suas pretensas racionalidade e objetivação científica. Mesmo não sendo o único a fazê-lo, é Dardel que, de forma singular, retoma a discussão de tais temas em meados do século XX, todavia, não se detém no idealismo dos clássicos alemães e avança para o existencialismo, a partir de uma leitura fenomenológica da Geografia e da própria relação do homem com a Terra. Na realização desse movimento, Dardel mergulha e traz imensa contribuição do pensamento heideggeriano, pretendendo e, ao nosso ver, conseguindo, reconstituir a consciência geográfica por intermédio de um retorno ao mundo anterior à ciência (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2015).

Conforme recorda Dardel (2015, p. 1), antes da chamada racionalidade científica e, do próprio geógrafo e sua inquietação com uma ciência exata e objetiva, a história revela uma geografia vivida, enquanto vontade e desejo de "correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva". É nesse sentido que Dardel (2015) vai discorrer a respeito da história da Geografia sobre bases fenomenológicas-existencialistas.

Tal reflexão de Dardel (2015), empreendida também por outros geógrafos no campo da fenomenologia, remete-nos ao sentimento de sublime descrito por Immanuel Kant (1995), sentimento que emerge da reflexão do homem diante do poder e da grandeza da natureza. De acordo com o filósofo, há duas formas distintas da ocorrência do sentimento de sublime: o sublime matemático e o sublime dinâmico. O primeiro ocorre quando a natureza se mostra a partir de algo absolutamente grande, inibindo qualquer comparação ou mensuração por parte da imaginação humana, que se sente incapaz de apreendê-la, como nos desertos, nas geleiras, cordilheiras e pradarias. Já o segundo, ocorre quando a natureza se revela mediante forças avassaladoras, expressando todo o seu poder, como por exemplo quando o homem presencia, em momentos terrificantes, explosões e derramamentos vulcânicos, tempestades ameaçadoras, enchentes, tornados e furacões (KANT, 1995).

Conforme Kant (1995), a atração despertada no homem por tais espetáculos é, de certa forma, proporcional ao quão terrível ou grandioso tais fenômenos se apresentam. Desta forma, o sentimento do sublime, seja o matemático ou o

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

dinâmico, faz com que o homem se sinta impotente na faculdade da imaginação, que se relaciona intimamente com a faculdade da razão. Ao presenciar os limites da imaginação, vem à tona do espírito humano a admiração, respeito e curiosidade pela natureza, elementos que conduzem o espírito dos homens à razão. Os prazeres de admiração e respeito proporcionados pelo sublime são considerados por Kant (1995) como negativos, não no sentido pejorativo do termo, mas em contraposição aos prazeres positivos que o homem sente diante do belo. São estes prazeres negativos sentidos quando o espírito humano alcança os limites da imaginação que alimentam a curiosidade que conduz o homem à razão, ou seja, o espanto da magnitude do sublime conduz o espírito humano não apenas a um sentimento de apreensão da natureza pela admiração e respeito à esta, mas o leva à própria razão, pela qual o homem começa a refletir e a sentir as primeiras mostras de independência e superioridade perante os sentidos e à própria natureza (LINO, 2008).

Besse (2015) lembra que mesmo Dardel não citando Kant, sua forma de olhar e pensar a ciência geográfica o aproxima da concepção filosófica kantiana. Ambos veem o homem em sua condição terrestre, e também percebem a Terra enquanto "mundo humano, mundo no qual a humanidade desenvolve sua história como uma obra" (BESSE, 2015, p. 122, destaques no original). Kant (1995) analisa esse encontro do homem com a Terra pelo sentimento do sublime, que ao fazer o homem chegar ao limiar da imaginação e se deparar com a incapacidade desta de apreender a magnitude da natureza, o conduz à razão. É a razão que vai permitir o entendimento da natureza pelo espírito humano e colocar o homem em condição de autonomia e superioridade frente a natureza apreendida. Já em Dardel (2015) a Terra é tratada como morada do homem que, para habitar nela, precisa se educar para a liberdade. Esse ato de educar "[...] atualiza a liberdade humana conduzindo-a segundo um caminhar racional em direção à autonomia. Igualmente, a educação será a experiência orientada no sentido de que aquele ser humano vai aprender a se servir de seu entendimento, a utilizar as regras para dirigir sua vida" (BESSE, 2015, p. 122).

Desta forma, a busca pelo entendimento da natureza que leva a autonomia do homem está presente em Kant e em Dardel, mas enquanto o primeiro entende que isto leva o homem a uma condição de superioridade (LINO, 2008), em Dardel esse educar proporcionado pelo mundo humano conduz a liberdade, e aí a Geografia tem um papel pedagógico particular de ensinar ao homem sua condição terrestre de ser finito, de lhe orientar para olhar a Terra enquanto morada não apenas sua, mas de todos os seres e criaturas (BESSE, 2015).

A originalidade das reflexões de Dardel, em sua forma de pensar a Geografia e a relação do homem com a Terra nos anos 1950, foram mascaradas pelo seu próprio estilo de escrita, tendendo quase a arte da poesia ou do romance, como relembram Raffestin (1987) e Nabozny (2012). Essa escrita poética se faz presente também nas obras de Humboldt, numa vinculação da estética romântica germânica ao método de pesquisa do geógrafo alemão, como nas

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

obras "Cosmos: o ensaio de uma descripción física del mundo" e "Quadros da Natureza" (VERGES, 2013). Tal estilo e concepção filosófica que tem por base o pensamento kantiano certamente influenciou Dardel, exímio leitor dos geógrafos, filósofos, poetas e romancistas alemães, amplamente citados em seu livro.

Claude Raffestin (1987) ainda ressalta que o contexto do Pós Segunda Guerra Mundial, centrado demasiadamente na reconstrução, recuperação econômica e no desejo de modernidade, acabaram por contribuir para que as questões de caráter econômico ganhassem primazia no debate das mais variadas ciências, entre as quais, a Geografia. Revestida pela influência avassaladora da geografia quantitativa anglo-saxônica, a *New Geography* conduziu sua forma de pensar próxima ao economicismo. Neste contexto, a paradigmática geografia de Dardel, especialmente sua forma inovadora de pensar a história da Geografia, permaneceu praticamente desconhecida.

Como destaca Besse (2015), a escolha do termo geograficidade, por parte de Dardel (2015), para conceituar a relação que liga o homem a Terra, não é, sob nenhum aspecto, aleatória. O termo geograficidade

[...] significa a inserção do elemento terrestre entre as dimensões fundamentais da existência humana, como a noção de **historicidade** implica na consciência que o ser humano tem de sua situação irremediavelmente temporal. [...] O paralelo terminológico estabelecido por Dardel entre a **geograficidade** e a **historicidade** é a expressão de uma unidade profunda do terrestre e do histórico, assunção pelo homem de seu destino (BESSE, 2015, p. 120-121, destaques no original).

Essa ligação entre Geografia e História, entre a dimensão espacial e temporal da existência humana, é indissociável e nítida para Dardel (2015). Nas palavras do autor: "Toda espacialização geográfica, [...] comporta também uma temporalização, uma história, um acontecimento" (DARDEL, 2015, p. 33).

Tal espacialização geográfica é concreta, sendo ela a responsável por atualizar o próprio homem em sua condição existencial, existência esta possibilitada pela relação que liga o homem à Terra, ou seja, a própria geograficidade, que "[...] enquanto essência, define uma relação – a relação do ser-no-mundo" (HOLZER, 2015, p. 151).

Utilizando o conceito de geograficidade, Dardel (2015) reflete e propõe uma outra história da Geografia, sob uma nova perspectiva, de cunho fenomenológico-existencialista. Esta não se preocupa em relatar a cronologia do desenvolvimento da ciência geográfica, vai além, e busca compreender o despertar de uma consciência geográfica ao longo da história da humanidade.

Como elenca Raffestin (1987), a proposta de Dardel vai em busca das historicidades e geograficidades vividas nas mais antigas culturas e sociedades, refletindo sobre a evolução da realidade no mundo real. Esta é a base a partir da qual o homem vai construir a consciência geográfica.

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

Claude Raffestin (1987) também ressalta que o projeto de Dardel não é encontrar uma geografia no passado, e sim geografias. Dessa forma, Dardel (2015, p. 47) divide sua geografia histórica em múltiplas geografias, que "[...] como concepções do mundo circundante são testemunhos de épocas sucessivas onde elas eram a imagem admitida da Terra".

Citando diversas épocas, povos e culturas, Dardel (2015) vai explorar o desvelamento da relação do homem com a Terra, a própria geograficidade, que testemunha como o homem se sentia na condição de ser e estar no mundo, elencando a partir daí cinco principais geografias: a mítica, a da Terra na interpretação profética, a heroica, a das velas desfraldadas e, por fim, a científica.

A geografia mítica

No universo mítico das sociedades antigas e mesmo medievais, o homem vê a Terra, antes de mais nada, como origem. É ela a fonte da vida do homem, da mulher e de todos os seres à sua volta. Seu poder de fecundidade e fertilidade está intimamente conectada com a própria feminilidade, ou seja, no espaço mítico a Terra detém uma função maternal universal: "O homem, diz um mito australiano, é feito de terra. A narrativa do *Gênesis* mostra Adão formado de lama; a relação etimológica conservada pela língua latina *húmus, humanus*, expressa a mesma experiência mítica" (DARDEL, 2015, p. 48).

Nessa concepção de mundo, o homem fecundado da Terra não perde o seu vínculo com aquela que é mãe de tudo o que vive, o cordão umbilical não é e nem pode ser rompido, pois é através dele que o homem é nutrido ao longo da vida.

Uma relação de parentesco une o homem a tudo que o circunda, e o sentimento de origem permanece vivo, cultivado pelo sentimento de pertencimento. Dardel (2015) cita que os índios do Peru acreditam que descendem das montanhas, outros povos se atribuem como filhos das grutas, das fontes, dos rios, das pradarias, da lua, do sol, da chuva. Os timorenses descendem do crocodilo (*lafaic*), que ao parar para descansar no meio do oceano, onde o sol nasce, formou a ilha de Timor.

Como lembra Dardel (2015), no mundo mágico-mítico, a Terra recebe um sentido essencialmente qualitativo, ela é origem e presença, e a realidade geográfica é mais que uma base ou um simples elemento. Tuan (2013) sintetiza como os povos antigos viam o mundo enquanto espaço mítico a sua volta. De acordo com o autor, o espaço mítico

Organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidades ou lugares significantes dentro do sistema espacial. Tenta tornar compreensível o universo por meio da classificação de seus elementos e sugerindo que existem

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

influências mútuas entre eles. Atribui personalidade ao espaço, conseqüentemente transformando o espaço em lugar. É quase infinitamente divisível, em outras palavras, não apenas o mundo conhecido, mas também a sua parte menor, como um abrigo individual, é uma imagem do cosmos (TUAN, 2013, p. 117).

Emanada desse espaço mítico, a realidade geográfica demanda respeito e crença, surgindo então a geografia mítica como um poder (NABOZNY, 2012). As forças presentes e dispersas pelo espaço, ou mesmo atrás dele – onde o homem pode sentir, mas não ver –, habitam e animam a geografia desses povos, agitando e dando contornos às emoções e afetividades do espírito humano, para o qual,

[...] cada nascer do sol é uma vitória sobre as trevas e o cintilar de cada estrela um sinal que lhe faz o mundo. Tudo lhe diz alguma coisa. Um relâmpago, um arco-íris, uma tempestade, são para ele um presságio, uma advertência, uma linguagem cifrada. O espaço mesmo é um poder que assume todo o seu valor numinoso no deserto ou na estepe, e o arquiteto dele se servirá para cercar os santuários de majestade e de silêncio (DARDEL, 2015, p. 53-54).

A geografia mítica é despreocupada com qualquer explicação do mundo pela via histórica, o mito é tomado para fundar as coisas, e não para datá-las cronologicamente. É o mito que permite a realidade brotar como realidade, que, por sua vez, confirma a todo instante o fundamento mítico.

Outra característica da geografia mítica é que nenhuma pessoa possui sua existência individualmente, essa somente lhe é concedida enquanto parte de um todo, ou seja, de um clã, de uma tribo, e a Terra é o seu maior princípio de unidade, sua base e condição de ser e estar no mundo. O mito é a forma da comunidade conceber a si própria e o espaço a sua volta enquanto realidade (DARDEL, 2015).

Conforme Dardel (2015), para o rompimento desse círculo, foi necessário que um choque abalasse os princípios do mito fundador, foi preciso a chegada de uma palavra que reinterpretasse as palavras do mito e toda a escrita da Terra. O espaço, antes mítico, sofre um desencantamento, e toda a natureza, a vida, os homens e a realidade passam a receber uma nova leitura, não mais sob o olhar mítico, mas sim, profético.

A geografia da Terra na interpretação profética

É a interpretação profética da Terra essa nova palavra promotora de uma releitura que vai perturbar as ligações míticas do homem com a Terra. Dardel (2015) cita como principais exemplos dessas concepções proféticas a doutrina iraniana de Zoroastro e o profetismo bíblico, transmitido do povo hebreu para o judaísmo, para o cristianismo e, em certa proporção, até ao islamismo.

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

Há uma inversão na hierarquia de valores, o homem, antes forma passageira, agora domina a Terra, desprovida de seu papel original. Ela "não é mais experimentada como uma presença, e, a partir desse fato, perdeu sua **alma**; enfim, ela foi dessacralizada, pronta para uma concepção objetiva e material por parte do homem" (DARDEL, 2015, p. 67, destaques no original). A Terra não é mais origem do ser e da vida, passa a ser criação, obra do Deus criador.

Outra profunda alteração que vai ocorrer na realidade geográfica sob a concepção de mundo fundamentada no profetismo, é a temporalização do espaço concreto e da própria Terra. Os novos conceitos que anunciam uma nova era, com novos céus e uma nova terra, rompem com a visão cíclica das estações, da vida e do tempo, que não se preocupava em refletir sobre a origem e o fim das coisas, do mundo e da vida, tudo se renovava. A interpretação profética anula tal forma de ver e vivenciar o mundo, e mesmo quando expõe uma história da Terra, um passado original, ela está a se projetar para o futuro, para a promessa de um devir, sendo, portanto, pautada em uma temporalidade profética (DARDEL, 2015).

Como ressalta Dardel (2015), é nesse momento que terrestre ganha seu significado, em contraposição a celeste. Interpretada como realidade temporária, a Terra passa ser compreendida a partir da vontade criadora de Deus, não mais possuindo suas forças misteriosas, suas presenças e seus poderes, sendo limitada por uma outra espacialidade que lhe é sobreposta, colocando a Terra abaixo e em oposição aos céus. Frente a verdade da revelação divina, as plantas, os rios, as pedras e toda a natureza passam a ser simplesmente terrestres, esvaziados de todo o seu poder e simbolismo.

É uma nova interpretação da Terra, profetizada e calcada em suas ligações do homem e da Terra com o sagrado. Tem como influência a Teoria Criacionista, pois a ciência ainda não tinha fundamento suficiente para questionar o poder exercido pela natureza na formação da humanidade, fato esse que só é colocado em xeque a partir da Idade Média em diante.

Cabe fazer um paralelo analítico, tempos depois, essa visão profética estava em posição diferente a das influências do evolucionismo presentes nas interpretações da relação homem e natureza no Determinismo Geográfico de Friedrich Ratzel, no processo de autoafirmação da geografia científica no século XIX, em que tratava da dominação e soberania da natureza sobre as condições de vida humana na Terra.

Essa interpretação mítica é diferente também das interpretações de Paul Vidal de La Blache, calcadas no Possibilismo, no fim do século XIX e até meados do século XX, em que há uma visão da relatividade da relação humana com a Natureza, mesmo reconhecendo a Terra numa concepção de organismo vivo, sob a influência darwinista, não negligencia a presença da ação antropizada sobre o meio, transformando-o.

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

A geografia heroica

Assim como a interpretação profética da Terra, uma outra geografia vai fazer oposição a geografia mítica e acelerar sua decomposição. A geografia heroica configura, conforme Nabozny (2012, p. 63), "[...] uma Geografia da curiosidade dada aos desbravadores, a aventura, a ampliação da morada terrestre. De um lado, o herói, de outro, um mundo que brinda as atitudes heroicas".

Enquanto a geografia mítica era essencialmente coletiva, cultivada pelas tradições da tribo ou do clã, a geografia heroica se caracteriza por ser uma manifestação individual, na qual o próprio sujeito se arrisca além do horizonte conhecido, superando o poder e o temor dos mitos e das forças obscuras do mundo exterior (DARDEL, 2015).

Entre a atmosfera legendária e narrativas as margens da realidade histórica, são exemplos dessa geografia heroica,

O tema do chefe errante em busca de algum objeto mágico ou excepcional, Jasão à procura do velocino de ouro; Cuchulainn, o herói celta penetrando, escoltado por monstros, os confins do mundo, povoado por forças demoníacas; viagens do herói irlandês Mael-Duin que, após ser abrigado pelos druidas para construir e lançar um navio, fundeia nas ilhas mais extraordinárias; **sagas** escandinavas nas quais abundam aventureiros correndo o mundo. O elemento geográfico se amplia nesse momento, notadamente no poema **Volospa**, em uma filosofia da natureza. (DARDEL, 2015, p. 74, destaques no original).

Essa geografia legendária mescla as lendas à história das descobertas e migrações geográficas, sempre produzindo e enaltecendo o seu modelo de herói aventureiro. Tal herói "corresponde ao ideal de uma sociedade **aristocrática**. Sobre o fundo de um mundo que se limita ao conjunto fixado pelo horizonte natal do clã, se destaca o **bem nascido**, o **nobre**, o chefe, que tem um destino excepcional voltado à audácia e à aventura" (DARDEL, 2015, p. 75, destaques no original).

Muitos destes personagens legendários permanecem ainda hoje na memória coletiva de nações, povos, regiões e cidades, registrados ou não na tênue linha entre história concreta e narrativas míticas. As histórias contadas sobre a fundação das cidades ostentam, geralmente, muitas destas figuras heroicas, como é o caso de centenas de cidades do interior brasileiro, fundadas por destemidos desbravadores ou astutos bandeirantes, em episódios com intervenções ditas divinas ou milagrosas, ou ainda, lançando mão de suas lendárias bravura, coragem e inteligência.

A geografia das velas desfraldadas

Ligada a geografia heroica está a geografia das velas desfraldadas, expressão que Dardel (2015) importa de Lucien Febvre, no original: "La géographie de plein vent". Essa geografia se opõe à geografia de gabinete ou de laboratório,

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

e enquanto capítulo da geografia heroica, assume os riscos, sendo o seu heroísmo marcado pelas individualidades fortes, que planejam e executam a descoberta do desconhecido.

Holzer (2015, p. 145, destaques no original) relembra que essa geografia de *plein vent* cobre "[...] extensos períodos da geografia universal, entre eles o período das **grandes navegações**, dos séculos XV e XVI". Além dos lendários personagens desse período, Dardel (2015) cita como exemplo dessa geografia heroica o caso do astrônomo, geógrafo e navegador grego Pítias no IV século a. C., além do viajante veneziano Marco Polo entre os séculos XIII e XIV, e do frade e missionário dominicano Jordan Cathala de Séverac, explorador da África e principalmente da Ásia no século XIV.

Mesmo que conhecidos os anseios, culturais, religiosos e, principalmente, políticos e mercantis que agitaram o desejo pelas descobertas da geografia das velas desfraldadas, apenas esses anseios não explicam todo o frenesi desse momento. É inegável a presença de um inquieto espírito de aventura, sedento por pisar em solo virgem, por desbravar os horizontes desconhecidos, por encontrar culturas tão distintas e paisagens inimagináveis.

Ampliando o espaço geográfico conhecido e multiplicando o contato com culturas e civilizações tão diferentes, a geografia das velas desfraldadas contribuiu profundamente para uma "[...] dissipação progressiva dos temas lendários em benefício de uma consciência geográfica mais segura. Do **sobrenatural**, do maravilhamento, para a natureza geográfica" (DARDEL, 2015, p. 81, destaques no original). Esse movimento abre o caminho para uma descoberta da Terra enquanto natureza, que contribuiu diretamente para o afloramento da geografia científica.

Os primórdios da geografia científica

Tal descoberta da Terra como natureza, nesse processo de alargamento do horizonte geográfico, vai fornecer as bases para o surgimento da geografia científica no século XIX, durante os embates teóricos no período dos imperialismos francês e alemão, com os geógrafos Alexander Von Humboldt e Karl Ritter.

Todavia, antes das primeiras elaborações dessa geografia científica, e presente mesmo depois do trabalho dos precursores alemães, há uma geografia sentimental, de cunho emotivo, presente e influente nas entrelinhas da literatura romântica e poética. Dardel (2015) cita os exemplos de Henri Bernardin de Saint-Pierre, Jean-Jacques Rousseau e François-René Chateaubriand.

Como exemplos brasileiros dessa geografia sentimental, pode-se citar Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, José de Alencar e tantos outros literatos que trazem em suas obras uma visão descritiva da natureza. Ainda que romantizada, há uma rica e primorosa geografia na obra de tais autores.

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

Em processo de construção desde o período dos descobrimentos, e nascida, em grande parte, da herança dessas múltiplas geografias, a geografia científica, nas palavras de Dardel (2015, p. 83), "[...] foi gestada de longa data, desde a época em que predominava em toda parte a concepção mítica do mundo, em meio a viagens lendárias ou interpretadas através da lenda, a favor das explorações e dos reconhecimentos de todos os séculos".

Todavia, o mesmo autor cita que, para sua afirmação, foi necessário que houvesse uma certa libertação da atitude científica da época, um recuo frente à própria realidade geográfica, para a partir daí, garantir um predomínio da pesquisa embasada em uma ordem lógica, submetida e estruturada sobre um conjunto de leis invariáveis e universalmente aceitas. Há, então, um recuo em relação ao objeto geográfico, um distanciamento do homem para com a Terra.

Além das preocupações de caráter científico, essa primeira geografia correspondente a uma geografia empírica, nasce e é difundida para atender as necessidades políticas, estratégicas, administrativas, comerciais e militares. A representação da superfície terrestre nos mapas tinha tal objetivo, e os inventários de recursos naturais e humanos vem em seguida complementá-los. Essa política geográfica assentada sobre a geografia empírica "[...] consolidou a obra dos conquistadores e dos pioneiros" (DARDEL, 2015, p. 84).

Dentro desse processo de objetivação da geografia, Dardel (2015) ressalta que convém distinguir duas diferentes atitudes. Em um primeiro momento,

Houve uma **ciência da descoberta**, uma exploração metódica, para recolher imagens, observações, para verificar as hipóteses. A partir do século XVIII aparece uma geografia do **inventário**, uma geografia trabalhando no laboratório, registrando seus conhecimentos nas estatísticas, nos gráficos, ou nas cartas cientificamente precisas. (DARDEL, 2015, p. 84, destaques no original).

Como representantes dessa ciência da descoberta, ainda na Antiguidade, Dardel (2015) cita Heródoto, Eratóstenes e Ptolomeu. Eram movidos por uma curiosidade **científica**, pelo desejo de conhecer o novo, de desvelar os mistérios da Terra. Alexander von Humboldt, considerado um dos fundadores da Geografia científica, é um dos grandes viajantes exploradores e ícone da ciência da descoberta nos séculos XVIII e XIX. Junta-se a ele, David Livingstone, Gustow Nachtigall, Ferdinand Vandiveer Hayden, John Wesley Powell e Erik Nordenskjold.

Tais expedições diferem daquelas empreendidas pela geografia heroica e mesmo daquelas que ocorreram no âmbito da geografia das velas desfraldadas, porque as descobertas realizadas são, necessariamente, precedidas e incorporadas pela ciência. Estão a serviço do laboratório e dos inumeráveis institutos de pesquisa que vão ser criados no período, e tem por objetivo o inventário dos fatos geográficos.

Grandes obras de síntese vão ser desenvolvidas em seguida no âmbito da Geografia, fruto dessa preocupação de se inventariar a realidade geográfica. Nesse contexto, a geografia e o geógrafo vão se tornando cada vez mais

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

sedentários, e a primeira vai se tornando gradativamente uma atividade mais intelectual e técnica. Karl Ritter, Élisée Reclus, Édouard Suess, são alguns dos principais representantes desse momento da geografia, quando ela nasce cientificamente e se institucionaliza (DARDEL, 2015).

Essa é a história da geografia sob a ótica fenomenológica de Eric Dardel (2015), para o qual a geografia é mais que uma ciência, um conhecimento ou um mesmo um saber. Para Dardel a geografia é uma realidade terrestre, é uma relação vivida, uma experiência, que antecede todo o processo de objetivação da dita ciência moderna.

No olhar fenomenológico de Eric Dardel, a geografia do passado se divide nas geografias dos povos, circunscrita e intimamente vivida nas tradições, nos costumes, nos labores do dia-a-dia e nas reflexões acerca do mundo vivido ou daquele que se necessita desvendar.

As geografias expostas por Dardel (2015) são frutos de uma consciência geográfica, que desperta da relação que liga o homem à Terra, relação vivida, sentida e cultivada no sentimento de origem, de cumplicidade, de proteção, de afeto, de pertencimento. Nas palavras do próprio autor: "A geografia não é, no fim das contas, uma certa maneira de sermos invadidos pela terra, pelo mar, pela distância, de sermos dominados pela montanha, conduzidos em uma direção, atualizados pela paisagem como presença da Terra?" (DARDEL, 2015, p. 39).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma releitura da obra de Eric Dardel (2015), "O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica", abordou-se aqui a história da Geografia esboçada de forma inovadora pelo geógrafo francês que dialoga tanto com autores clássicos, como com seus contemporâneos, sejam geógrafos, filósofos, artistas, romancistas, poetas, etnólogos, entre tantos outros, trazendo consigo um aporte de múltiplas influências, ricamente presente em sua obra.

Dardel (2015) promove uma releitura de obras clássicas da Geografia, História, Antropologia, Filosofia, Matemática, Astronomia, Literatura, entre outros campos, para discorrer, a partir da perspectiva fenomenológica, como a consciência geográfica esteve presente na relação de geograficidade que liga o homem a Terra, constatada pelo autor nos mais diversos povos, culturas e períodos, demonstrando, a partir daí, as múltiplas geografias do passado.

O autor reporta a uma geografia produzida em um período em que estava calcada na base empírica, do conhecimento dos lugares, da descoberta, da relação Sociedade/Natureza analisada sem o uso de método, algo ligado as narrativas e descrições de culturas, tradições, costumes, das paisagens. Uma geografia despreocupada com qualquer objetivação científica.

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

Enquanto consciência geográfica, essas geografias são concepções do mundo, uma imagem admitida do espaço circundante em cada época e cultura. Tais geografias nascem da própria inquietude que brota no homem a partir de sua ligação com a Terra. Sentimento de afeição e carinho pelo solo natal ou desejo ardente de conhecer o além horizonte, atravessar oceanos e desertos, essa geograficidade vivenciada pelo homem precede toda a ciência objetiva preocupada com a racionalidade do saber.

Destarte, a geografia histórica, ou melhor, a história da Geografia em Eric Dardel (2015) vai muito além de repensar cronologicamente a institucionalização da ciência geográfica, ela se preocupa muito mais em conhecer as atitudes duráveis do espírito humano, que emanam de sua íntima relação com a Terra, nas mais remotas épocas e sociedades.

É um desafio imenso pensar a história da Geografia para além de uma cronologia objetivada de seu processo de institucionalização, pensar as origens desta que hoje é uma ciência, quando não era nem mesmo um saber estruturado, tendendo muito mais para um sentimento, uma ligação, uma inquietude, uma experiência.

Tarefa árdua, cuja construção só foi possível a partir da revisita e resgate de uma das mais importantes obras da fenomenologia e do existencialismo no campo geográfico, que apesar de clássica, permanece pouco conhecida e essencialmente contemporânea e inovadora.

A obra de Dardel (2015) e o tema da história da Geografia sob o seu primoroso olhar fenomenológico-existencialista estão longe de serem esgotados. Espera-se que o trabalho aqui empreendido possa contribuir aos círculos de debate sobre história do pensamento geográfico, trazendo novos caminhos e instigando novas reflexões para se pensar a história da Geografia. ○

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência: a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 111-139.

DAL GALLO, Priscila Marchiori; MARANDOLA JR., Eduardo. O pensamento heideggeriano na obra de Eric Dardel: a construção de uma nova ontologia da Geografia como ciência existencial. **Revista da Anpege**, São Gonçalo, RJ, v. 11, n. 16, p. 173-200, jul./dez. 2015.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. 174 p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 368 p.

A história da geografia no olhar fenomenológico de Eric Dardel: revisitando a obra "O homem e a terra"
Anderson Ferreira Aquino, Magda Valéria da Silva

HOLZER, Werther. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 141-153.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Trad. Valério Rohden e António Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 381 p.

LINO, Alice de Carvalho. A relação dos conceitos do belo e do sublime na representação dos gêneros. **Kant e-Prints**, Campinas, Série 2, v. 3, n. 1, p. 27-39, jan./jun. 2008.

NABOZNY, Almir. Anotações de leitura, um convite para ler a tradução de "o homem e a terra" de Eric Dardel. **Geograficidade**, Niterói, v. 2, n. 2, p. 58-66, inverno 2012.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Uma interpretação fenomenológica na Geografia. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 10., 2005, São Paulo. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo: USP, 2005. p. 10243-10262.

PINCHEMEL, Philippie. Biografia de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 155-159.

RAFFESTIN, Claude. Pourquoi n'avons-nous pas lu Eric Dardel? **Cahiers de géographie du Québec**, v. 31, n. 84, p. 471-481, déc. 1987.

SEAMON, David. Lugarização vivida e a localidade do ser: um retorno à geografia humanista? Tradução Letícia Carolina Teixeira Pádua. **Revista Nufen: Phenomenology and interdisciplinarity**, Belém, v. 9, n. 2, p. 147-168, mai./ago. 2017.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. Geografia e Fenomenologia: Merleau-Ponty e sua influência na Geografia Humana. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 14, n. 46, p. 265-272, jun. 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. 248 p.

VERGES, João Vitor Gobis. **O projeto de ciência de Alexander von Humboldt (1769-1859)**: introdução às dimensões transdisciplinares nas obras "Quadros da Natureza" e "Cosmos". Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Francisco Beltrão, Francisco Beltrão, 2013.